



**FOTOJORNALISMO NA SBPJor: análise comparativa dos artigos científicos  
apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da  
Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte I<sup>1</sup>**

Diogo Azoubel<sup>2</sup>

Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba - SP

**RESUMO**

O texto revela os resultados de uma análise comparativa entre os artigos científicos apresentados entre 2003 e 2009 no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor. Do universo de dez pesquisas possíveis, o método dialético é usado na busca pelos argumentos sobre fotojornalismo presentes em oito estudos analisados – selecionados a partir da busca por materiais que contenham entre as palavras-chave apresentadas o termo “fotojornalismo” no sítio da Associação. Pontos de convergência e de tensão são identificados, especialmente no que tange às relações entre real/representação presentes no campo fotográfico; manipulação de imagens; e capilarização da circulação digital das mesmas. A reconfiguração das relações sociais em torno ligações do homem com a imagem técnica também é abordada. Com isso, notamos a pungente necessidade de ampliação das reflexões sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; cultura; jornalismo; fotojornalismo; SBPJor.

**1. INTRODUÇÃO**

A proposta de refletir sobre fotojornalismo no âmbito do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) faz parte de uma busca maior – realizada no primeiro semestre de 2015 – pelo que vem sendo produzido e compartilhado sobre o tema em eventos de grande alcance no Brasil, tais como o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e o Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Esta é a segunda parte de um levantamento comparativo entre os artigos científicos apresentados em cada uma das instâncias de discussão científica citadas acima. Em um primeiro momento, abordamos o que fora produzido e compartilhado na Compós do ano 2000 em diante.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – Mestrado. E-mail: [diogoazoubel@gmail.com](mailto:diogoazoubel@gmail.com)



Dando continuidade à pesquisa, a ideia agora é buscar como o fotojornalismo tem sido abordado nos encontros nacionais da SBPJor, iniciados em 2003. Em um levantamento inicial realizado na base de dados do sítio da Associação, especialmente na biblioteca virtual ([http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?page\\_id=16](http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?page_id=16)), em 13 de abril de 2015, identificamos como recorte 23 artigos científicos nos quais o termo fotojornalismo consta entre as palavras-chave citadas nos trabalhos apresentados ao longo dos dez encontros da Associação, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 1: Fotojornalismo na SBPJor (2003-2012)**

Nº.	ANO	TÍTULO	PROPONENTE(S) - INSTITUIÇÃO
1.	2003	O fotojornalismo e o poder na ascensão e queda de O Cruzeiro e Manchete	Silvana Louzada - UFF
2.		Complexidades urbanas e fotográficas: sujeitos e espaços no fotojornalismo de Belo Horizonte	Frederico de Mello Brandão Tavares - UFMG Paulo Bernardo Ferreira Vaz - UFMG
3.	2005	Jornalismo e realidades múltiplas: o “arrastão” e as representações midiáticas das identidades	Jorge Augusto Lima da Silva - UNB
4.		As possibilidades da imagem digital	Jorge Carlos Felz Ferreira - Umesp
5.		Atentado em imagens: sincronização e circularidade na mídia	Alberto Klein - UTP Ana Paula da Rosa - UTP
6.	2006	“Histórias e ‘estórias’ fotográficas”: um estudo sobre a produção fotojornalística do jornal impresso diário Zero Hora	Beatriz Sallet - Unisinos
7.		Fotojornalismo na web: atualização de alguns conceitos e usos a partir da análise das imagens fotojornalísticas disponíveis no UOL Notícias	Jorge Carlos Felz – FES-Juiz de Fora
8.	2008	O fotojornalismo em tempo de convergência digital: entre algumas permanências e outros desvios	José Afonso da Silva Junior - UFPE
9.		A teoria do jornalismo no cinema: como aportes teóricos do jornalismo são apresentados no filme O Quarto Poder	Macelle Khouri - UFSC
10.	2009	José Medeiros e o fotojornalismo na Revista O Cruzeiro	Ranielle Leal Moura - Umesp
11.		Iconoclasmo midiático: a força simbólica das imagens	Ana Paula da Rosa - Unisinos
12.	2010	Decalques da moral e do rosto: representação do sofrimento e modos de ver no fotojornalismo contemporâneo	Angie Biondi - UFMG
13.		Publicação e circulação no fotojornalismo contemporâneo: do arquivamento à disponibilização	João Guilherme de Melo Peixoto - UFPE



14.		Fotojornalismo colaborativo em tempo de convergência	José Afonso da Silva Junior - UFPE Eduardo Queiroga - UFPE
15.		Foto-choque e tragédias no fotojornalismo: análise fotográfica dos terremotos no Haiti e Japão no blog ?Big Picture?	Anderson José da Costa Coelho - UEL Anna Letícia Pereira de Carvalho – Cásper Líbero
16.	2011	O fotojornalismo na O Cruzeiro: uma aproximação	Marcelo Eduardo Leite - UFCE
17.		Impressões pela luz: registro da memória fotográfica e valorização dos pioneiros do fotojornalismo em Itajaí	Stéphanie Wrubleski da Rocha - Univali Robson Souza dos Santos - Univali
18.		O momento decisivo no fotojornalismo atual: a importância da <i>métis</i> na atuação do fotógrafo	Andréa Karinne Albuquerque Maia - UFPB
19.		Fotojornalismo de capa: um panorama da atividade nos jornais paranaenses durante o regime militar	Fabiana Aline Alves - UEL
20.	2012	<i>IPhonephotography</i> e a cobertura de guerra – novos paradigmas para o fotojornalismo	Jorge Carlos Felz Ferreira - UFF
21.		Fotojornalismo e alteridade: as imagens de guerra sob um ponto de vista ocidental	Juliana Andrade Leitão - UFPE
22.		Fotojornalismo e cotidiano nas favelas cariocas: relações entre as periferias culturais e a imprensa hegemônica	Alice Baroni – <i>Queensland University of Technology</i> Leonel Aguiar - PUC-Rio
23.		A busca pelo contato no fotojornalismo midiaticizado	Marcelo Salcedo Gomes - Unisinos

FONTE: AZOUBEL, 2015.

Nessa direção, e para tentar equilibrar o uso dos dados coletados em uma perspectiva que nos permitisse analisar cuidadosamente cada texto, optamos por dividir a segunda etapa da pesquisa em duas partes: uma abordando o material apresentado entre os anos de 2003 e 2009 (destacados com fundo cinza na tabela acima) e a outra envolvendo os estudos apresentados de 2010 a 2012. Assim, trabalhamos aqui com o total de dez artigos científicos – sendo quatro assinados por pesquisadoras, um feito em coautoria por um pesquisador e uma pesquisadora, e cinco assinados por pesquisadores do sexo masculino<sup>3</sup> – dos quais oito compõe o *corpus* do texto que segue. Três artigos foram excluídos do corpus devido a erros na indexação<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Novamente a questão do número de trabalhos sobre fotojornalismo produzidos por pesquisadoras mulheres. Apesar do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicar que 51% dos 190.755.799 habitantes no Brasil são mulheres e 49% homens, tal proporção não abarca a produção científica nacional. Isso nos permite refletir sobre a participação das mulheres na ciência, uma vez que 50% dos textos aqui citados são assinados por homens, 10% tratam-se de produção mista e 40% por mulheres. Apesar de não trabalharmos com a questão do gênero da produção científica nacional sobre fotojornalismo neste artigo, julgamos pertinente a observação de tais números para a condução de pesquisas futuras.



Entre os autores, novamente houve uma ocorrência de dois artigos científicos assinados pelo mesmo pesquisador, Jorge Carlos Felz<sup>5</sup>. Dessa vez, e pela expressiva redução dos dados coletados a serem usados (20%), resolvemos manter na análise os dois estudos. Na mesma direção, optamos por dar continuidade ao uso do método de abordagem dialético – aquele no qual o mundo deve ser percebido como “um complexo de processos em que as coisas, na aparência estáveis, do mesmo modo que os seus reflexos intelectuais no nosso cérebro, as idéias (sic.), passam por uma mudança ininterrupta de devir e decadência, em que, finalmente, apesar de todos os insucessos aparentes e retrocessos momentâneos, um desenvolvimento progressivo acaba por se fazer hoje” (ENGELS In: Politzer, 1979 *apud* MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 101) – e de procedimento comparativo, que “pode averiguar a analogia entre ou analisar os elementos de uma estrutura [...]” (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 107), neste caso, a base de dados da SBPJor.

Na seção que segue nos detemos aos argumentos encontrados em cada estudo e que podem nos ajudar a pensar sobre fotojornalismo em um esforço para contribuir com o alargamento das discussões sobre o tema.

## 2. REAL E REPRESENTAÇÃO

A natureza técnica da fotografia está atrelada à representação do real de maneira mais próxima que a lógica inaugurada pela pintura. O próprio processo de produção da imagem tecnicamente, dessa vez “sem” a interferência do artista/fotógrafo, permitiu o

---

<sup>4</sup> Essa redução se deve ao fato de que o caminho dado ao texto *Jornalismo e realidades múltiplas: o “arrastão” e as representações midiáticas das identidades* no sítio da SBPJor (<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/resumod.php?id=209>) leva ao trabalho *Texto, imagem e produção de sentido: o ritual da notícia como interpretação do mundo* (<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/iiisbpjour2005 - ci - jorge augusto lima da silva.pdf>). Apesar de ambos datarem de 2005 e de serem assinados pelo pesquisador mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília, José Augusto Lima da Silva, optamos pelo descarte dos dois para evitar quaisquer tipo de equívocos. Da mesma forma, o texto *A teoria do jornalismo no cinema: como aportes teóricos do jornalismo são apresentados no filme O Quarto Poder*, datado de 2008 e assinado por Marcelle Khouri, que naquela época era aluna do Mestrado em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, foi desconsiderado por se encaixar no critério de seleção adotado nesta pesquisa (ter entre as palavras-chave do estudo o termo fotojornalismo) quando da busca inicial no sítio da SBPJor (<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/resumod.php?id=659>), mas não no texto em si (<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/individual61macellekhouri.pdf>), que traz as palavras-chave “jornalismo”, “cinema”, “presente”, “comentário público e relações temporais”, divergindo, assim, da nossa busca.

<sup>5</sup> Sobre os nomes dos autores, optamos por manter a ordem em que eles são dispostos – quando em coautoria – e por seguir o que consta no corpo de cada artigo analisado, uma vez que, na base de dados da Associação constam algumas divergências frente ao que é apresentado nos textos (Jorge Carlos Felz, por exemplo, é citado também como Jorge Carlos Felz Ferreira no sítio da SBPJor).



estabelecimento de um conhecimento tácito acerca da fidelidade do que era retratado ao referente perenizado pela ação da luz nas imagens realizadas.

Todos os trabalhos aqui citados contêm discussões sobre a fidedignidade da fotografia à realidade. Para tratar de como representação e objeto representado se interrelacionam, buscamos como exemplo o texto *Complexidades urbanas e fotográficas: sujeitos e espaços no fotojornalismo de Belo Horizonte* – de 2005 – assinado pelos pesquisadores Frederico de Mello Brandão Tavares<sup>6</sup> e Paulo Bernardo Ferreira Vaz<sup>7</sup>, o texto indica que não há como se escapar da ligação entre referente e imagem fotográfica, seja ela jornalística ou não. No caso específico do fotojornalismo há, segundo os autores, uma busca pela representação figurativa do real que culmina em uma forte ligação com o que fora fotografado (TAVARES; VAZ, 2005, p. 1).

Seguindo essa linha de raciocínio, os pesquisadores buscam na obra de Phillippe Dubois os alicerces para afirmar a existência de dois espaços na fotografia – o que foi fotografado e o espaço da própria superfície da imagem – que se relacionam entre si. Vejamos:

[...] Do ato fotográfico advém o espaço recortado do real e, desse recorte, tem-se o espaço delimitado na própria fotografia (na própria imagem). Phillippe Dubois (2001) propõe também esta duplicidade, mas um duplo que define um só espaço: o espaço fotográfico. Nesse sentido, o primeiro espaço, o espaço representado, é aquele espaço da realidade que o fotógrafo talha de uma só vez, por meio de um só golpe. Já o segundo espaço refere-se ao que se encontra dentro da borda fotográfica. O espaço da representação, conforme nomenclatura de Dubois (2001), é aquele espaço cujo limite é a própria imagem. Falar deste espaço é falar, de certa forma, de algumas das características intrínsecas à superfície da foto (TAVARES; VAZ, 2005, p. 3).

Depreende-se assim, que a parte “seccionada” da realidade é o que sustenta o segundo espaço ao qual os autores se referem, em uma a ligação permanente entre representação do mundo e o próprio mundo que lhe dá vida. Mas como se dá essa relação de interdependência entre esses dois espaços, especialmente no que toca à fotografia jornalística? É o que veremos a seguir.

### 3. ELO NO FOTOJORNALISMO

---

<sup>6</sup> Nota original: Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Faculdade Fabrai e Faculdade Pitágoras (Belo Horizonte – MG).

<sup>7</sup> Nota original: Doutor em Comunicação e Educação pela *Université de Paris XIII (Paris-Nord)*, França. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG).



A fotografia como ponto de partida para a conhecimento da “verdade” pode ser compreendida como própria do discurso jornalístico. Como pretensa retratação dos fatos como eles se configuraram, a fotografia disposta em plataformas jornalísticas concentra em si mesma os argumentos sobre os quais se ergue e fortalece a ideia de uma imagem fiel ao seu referente. Sem discutir como são operados recortes e escolhas quando da captação de cada imagem técnica pelo fotógrafo, fato é que a inserção da fotografia no jornalismo impresso, em um primeiro momento, se deu pela “facilidade” de traduzir o conteúdo dos fatos em notícias visualmente palpáveis.

Referente e representação em um quadro entregue ao público como fiel ao desenrolar dos acontecimentos relatados, o fotojornalismo pode ser notado nas publicações brasileiras desde o ano de 1900. É o que afirma a pesquisadora e professora Silvana Louzada<sup>8</sup> em *O fotojornalismo e o poder na ascensão e queda de O Cruzeiro e Manchete* – datado de 2003. O texto revela o lançamento do suplemento *Revista da Semana* pelo *Jornal do Brasil* como marco inicial da inserção da fotografia nos impressos. De acordo com Louzada, os jornais diários demorariam um pouco mais de tempo para serem adaptados à nova realidade jornalística. “A revista ilustrada é, portanto, o principal meio para a publicação de fotografias na imprensa, contribuindo assim para difusão de um novo código visual” (LOUZADA, 2003, p. 1).

Ainda segundo Louzada, mudanças sociais sensíveis marcam a transição das décadas de 1930 a 1950, inclusive no que toca à modernização dos veículos de comunicação – cada vez mais adequados às demandas das classes abastadas, desejosas por reproduzir os padrões vivenciados no exterior do Brasil e, posteriormente, copiadas pela classe média urbana que, naquele período, começara a nascer. Mudanças essas responsáveis pelo surgimento do que a autora chama de “nova face da sociedade brasileira”, na qual “o mito da verdade fotográfica, propagado pelas revistas ilustradas, está, desde a sua gênese, a serviço das classes detentoras do poder” (LOUZADA, 2003, p. 1).

As fotografias e os textos publicados pelas Revistas Ilustradas levam à crescente população urbana os novos produtos, assim como os padrões de comportamento das classes dominantes. As normas burguesas são veiculadas, como denuncia Barthes, como sendo “leis evidentes de uma ordem natural”<sup>9</sup> e a propagação das suas representações, através

---

<sup>8</sup> Nota original: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense.

<sup>9</sup> Nota original: BARTHES, Roland. *Mitologias*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 161.



destas revistas, concorre para promover a naturalização da sua representação (LOUZADA, 2003, p. 1).

Em direção complementar, a pesquisadora Ranielle Leal Moura<sup>10</sup>, em *José Medeiros e o fotojornalismo na Revista O Cruzeiro* – texto datado de 2009 –, explica que a fotografia é responsável pelo que ela chama de “papel no processo de conscientização e informação da sociedade brasileira”, especialmente nos anos de ditadura militar, quando, pelas imagens técnicas, se buscava driblar a censura para dizer ao público o que não podia ser dito por meio dos textos (MOURA, 2009, p. 1).

Tal percurso, cita a autora, retoma às guerras, gênese do fotojornalismo como o conhecemos hoje. Durante os conflitos, foi por meio dele que o público pode conhecer parte da rotina dos embates, ainda que as primeiras imagens não representassem as batalhas de fato, mas uma espécie de maquiagem dos terrores vividos nos campos de guerra (MOURA, 2009, p. 2-3).

Nesse percurso, e desde 1880, e nas páginas das revistas ilustradas, as fotografias foram usadas como mera complementaridade às informações apresentadas nos textos: uma espécie de atrativo ao leitor que, por meio das imagens técnicas, contemplava a “veracidade” dos fatos. Por conseguinte, e na virada do século XIX para o século XX, surge um novo modelo de fazer jornal, “mais leve e popular, ainda que seus textos possuíssem o mesmo caráter literário de antes. Os grandes jornais foram se transformando em empresas jornalísticas. Mudavam as relações entre o jornal e o anunciante, a política e seus leitores” (MOURA, 2009, p. 3).

As alterações nessa primeira década do século foram introduzidas lentamente. Aconteceu então o declínio do folhetim, dando lugar a uma preocupação maior com a informação. O aparecimento de temas políticos, esportivos e policiais, e, as colaborações literárias começaram a ser separadas na paginação dos jornais, tornando-se matérias à parte. E, foi em parte por conta dessas transformações que se viu as revistas ilustradas proliferarem. Elas que, inicialmente, teriam a charge como suporte da imagem, viriam a ser os principais veículos de difusão das imagens fotográficas, logo em seus primeiros anos (MOURA, 2009, p. 3-4).

Somou-se a isso, explica Moura, a influência estrangeira trazida pelos fotógrafos de origem alemã que, já no Brasil, inauguraram um novo momento na fotografia baseado nas influências do Bauhaus, “como a ênfase nas formas e no grafismo e o uso de recursos como ampliação, montagem, dentre outros” (MOURA, 2009, p. 4). Ali,

---

<sup>10</sup> Nota original: Jornalista pela UFPI. MBA em Marketing- FGV-RJ. Mestranda em Comunicação-UMESP. E-mail: [rani.leal@uol.com.br](mailto:rani.leal@uol.com.br).



especialmente entre 1939 e 1940, a figura do fotógrafo ganhava importância em um contexto nacional do pós-guerra e de avanços técnicos que transformariam as câmeras fotográficas em objetos cada de cada vez mais fácil deslocamento e uso, no qual os profissionais passariam a assinar as fotos (MOURA, 2009, p. 6).

Logo, não é difícil compreender que, funcionando como empresas jornalísticas, os jornais passaram a competir pela atenção do público leitor, traduzida em mais anúncios e, por consequência, em mais lucros. Nessa perspectiva, as fotografias passaram a exercer papel fundamental na circulação dos jornais, uma vez que “captavam” a atenção dos leitores muito mais do que os textos. Assim, a manipulação dos acontecimentos retratados ganharia força entre os veículos impressos, como indica Louzada:

Muitos são os exemplos da manipulação de fatos para obter fotografias de impacto, ou da própria imagem fotográfica diretamente, com intuito de suprir o leitor ávido de novidades e aventuras, ou para manipular o jogo político. Dentre elas a antológica matéria "Enfrentando os Chavantes" publicada em 24 de junho de 1944. É a primeira vez que a imprensa publica fotos desta tribo arredia, e a matéria é vendida para a diversas revistas estrangeiras, inclusive a Life. Segundo relato de David Nasser, a dupla teria sobrevoado duas aldeias xavante na Serra do Roncador, a bordo de um avião da FAB. As várias versões apresentadas pela dupla para a aventura não resistem a um exame mais minucioso [...] (LOUZADA, 2003, p. 3).

Seguindo as indicações de Louzada, a seguir apresentamos algumas reflexões sobre como os desejos do público e as práticas de “agendamento” de temas pela cobertura jornalística interagem para dar novo ritmo ao encaminhamento da vida em sociedade.

#### **4. ORDENAÇÃO DO TEMPO X SINCRONIZAÇÃO DO OLHAR**

Partindo do texto *Atentado em imagens: sincronização e circularidade na mídia*<sup>11</sup> – datado de 2006 –, assinado pelos pesquisadores Alberto Klein<sup>12</sup> e Ana Paula da Rosa<sup>13</sup>, é possível refletir sobre como o jornalismo ordena e regula a vida dos atores sociais, atribuindo-lhe valores e significados.

---

<sup>11</sup> Nota original: Texto publicado na Revista do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura (CISC) Ghrebh no 08.

<sup>12</sup> Nota original: Alberto Klein é jornalista, Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor da graduação e do Mestrado em Comunicação e Linguagens (MCL) da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

<sup>13</sup> Nota Original: Ana Paula da Rosa é jornalista, mestranda no programa de Mestrado Comunicação e Linguagens (MCL) da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e bolsista da CAPES. Atualmente é professora da Faculdades Celer em Xaxim e Chapecó-SC.





Para os autores, ordenar é estabelecer ritmos e tempos. Buscando seus argumentos na obra de Norbert Elias, explicam que “o tempo não é o registrado pelos relógios, mas, sim, um símbolo social fortemente enraizado na cultura e estipulado conforme o processo evolutivo do homem, sendo transmitido, assim, de geração em geração” (KLEIN; ROSA, 2006, p. 2). Trata-se, portanto, de algo que se desenvolveu para dar sustentação ao encaminhamento de tarefas específicas, “um instrumento de orientação indispensável para realizarmos uma multiplicidade de tarefas variadas”, resultado de uma aprendizagem que desemboca na criação de elementos como relógios e calendários para padronizar o comportamento dos indivíduos (KLEIN; ROSA, 2006, p. 2).

Nessa direção, a mídia, explicam os autores, atua como suporte do tempo, seja retendo o passado ou antevendo o futuro ao transformá-los em presente (suítes e projeções econômicas são apenas alguns exemplos disso) e, conseqüentemente, demarcando a passagem do tempo e da vida das pessoas ao sincronizar as atividades delas.

Sincronizar é combinar ou executar ações ao mesmo tempo, simultaneamente. Os meios de comunicação de massa possuem o papel de sincronizar os tempos individuais, atualizando ou rechaçando valores sociais. A sincronização da sociedade é dada por tudo aquilo (sic.) que se divulga, se mostra, informa ou se exclui dos meios, criando uma espécie de ritual que é reiterado ao longo dos anos. (BAITELLO JÚNIOR, 1999 *apud* KLEIN; ROSA, 2006, p. 3).

Dessa forma, operam-se a criação e manutenção de rituais que se enraízam no seio social a fim de que se reproduzam atitudes como ler jornais, assistir ao noticiário na TV etc. pelos sujeitos que, inconscientemente, passam a reproduzir os assuntos mostrados midiaticamente, fomentando valores cotidianos que tendem a normalizar a vida em conjunto.

A mídia tem, portanto, como ritual seguir o calendário e repetir informações a fim de que possa, realmente, demarcar o tempo dos indivíduos. Contudo, além do tempo, os meios criam uma agenda social na qual são dispostos alguns aspectos de uma questão em detrimento de outros. No caso do jornalismo e da fotografia é sempre necessária uma escolha do que deve ou não aparecer (KLEIN; ROSA, 2006, p. 4).

Depreende-se desse contexto, portanto, o “apagamento” do que não é veiculado, uma espécie de negação, esquecimento dos assuntos não contemplados nas coberturas midiáticas. O que ocorre é que, ao dar luz a determinados temas, relega-se à escuridão outros tantos. Logo, e com a reprodução do que for “consumido anteriormente”, os atores sociais tendem a retroalimentar esse ciclo quando do silenciamento do que não



fora visto. “Isto se torna mais perceptível com relação à imagem veiculada na mídia, que gera uma sincronização pelo olhar e do olhar” (KLEIN; ROSA, 2006, p. 4).

Klein e Rosa apontam para o fato de que, ao ver a mesma imagem repetidas vezes e em diferentes suportes, a crença de que somente aquela imagem existe é reiterada em uma espécie de recriação da realidade, de miniaturização, que tendem a substituir as experiências reais (KLEIN; ROSA, 2006, p. 12).

Trata-se, portanto do retorno à credibilidade da imagem técnica, mas não como representação, como realidade que assume o lugar das coisas, conforme explicam os autores. Beatriz Sallet<sup>14</sup>, citando Jorge Pedro Sousa, explica que “as narrativas convencionais no fotojornalismo contribuem para que seja dado significado social a determinados acontecimentos em detrimento de outros, promovendo, por consequência (sic.), determinados eventos (e não outros) à categoria de fotonotícias” (SALLET, 2006, p. 3-4).

Em *“Histórias e ‘estórias’ fotográficas”*: um estudo sobre a produção fotojornalística do jornal impresso diário Zero Hora – texto datado de 2006 – e novamente ancorada em Sousa, a autora revela como as coberturas fotojornalísticas são, em muitas ocasiões, “frutos da seleção do/da fotojornalista, de sua ação pessoal, através (sic.) da escolha de angulações, do instante que será fotografado etc., mesmo que em alguns casos a rotina produtiva já venha “filtrada/encomendada pela pauta da redação” (SALLET, 2006, p. 3-4).

O fotojornalista atua, diante de tais argumentos, como responsável pelo “agendamento” dos temas que reverberam na sociedade, sejam eles frutos das pautas ou mesmo do acaso – como quando, a caminho de uma cobertura, o profissional é confrontado com acontecimento qualquer ou mesmo um flagrante que prescindia de registros imagéticos.

São duas faces da mesma moeda: ao passo em que as fotografias pautadas funcionam muito mais para contemplar os dados dos textos jornalísticos, os flagrantes ou – como denomina a autora – as “saídas da rotina”, são as que “realmente protagonizam a fotonotícia”.

Uma fotografia protagoniza a notícia quando é ela que agenda a matéria, quando pesa nela o valor notícia da imagem. Esta foto chama atenção por si só, ou seja, “fala” ou descreve de forma enunciativa o

---

<sup>14</sup> Nota original: Mestre em Ciências da Comunicação. Repórter-fotográfico free-lance; jornalista atuando na área de assessoria de imprensa, assessoria em comunicação para instituições não-governamentais, reportagens e edição de jornais impressos para empresas.



evento fotonoticiado. Ela é parte, cerne do acontecimento. Isto porque o acontecimento desta natureza é dado, e não (tão) construído quanto nos eventos agendados/promovidos, onde a foto entra então para ilustrar, referendar ou compor uma matéria. Há ainda os casos em que a foto é pensada antes da matéria – a previsão e a intencionalidade antecipam a espontaneidade da construção fotográfica (SALLET, 2006, p. 5).

Tais considerações nos remetem à lógica produtiva do jornalismo, que é ancorada, entre outros pontos, pelos valores-notícia atribuídos, ou não, a cada fato. Por outro lado, critérios de noticiabilidade delimitam a cobertura diária dos acontecimentos e, em grande parte, dependem da constituição de cada veículo midiático. Nessa direção, ressalta Sallet ancorada em Sousa, parte desses valores são transportados do jornalismo (intensidade, surpresa, proximidade, continuidade, previsibilidade, redundância, curiosidade, proeminência social, interesse humano, institucionalidade, conflito, oportunidade, exclusividade etc.), ao mesmo tempo em que o que aquele autor denomina como “valor da imagem” (ou valorização do conteúdo da mesma) é um critério exclusivo do fotojornalismo (SALLET, 2006, p. 12).

Diante disso, pode-se perceber que o inesperado, o não planejado, o imprevisível ocupa lugar de destaque nas coberturas fotojornalísticas uma vez que é visto como mais próximos da realidade. Afinal, “nenhuma idéia (sic.) sofisticada do que a fotografia é ou pode ser jamais enfraquecerá a satisfação proporcionada por uma foto de um acontecimento inesperado, apanhado em pleno curso, por um fotógrafo em alerta” (SONTAG, 2003 *apud* SALLET, 2006, p. 8).

Assim, cumpre questionar, como a prática fotojornalística tem sido pensada em tempos de avanços tecnológicos cada vez mais rápidos e revolucionários, nos quais a imagem técnica parece adquirir a cada dia maior autonomia em relação ao texto – especialmente nas plataformas digitais? É do que nos detemos na próxima seção.

## **5. CAPILARIZAÇÃO DAS MANIPULAÇÕES CONSENTIDAS**

O pesquisador Jorge Carlos Felz<sup>15</sup>, rememora em *Comunicação individual: as possibilidades da imagem digital* – texto datado de 2005 – o que muitos consideram ser a primeira fotografia da história (a vista da janela do estúdio de Niépce, em 1926) como

---

<sup>15</sup> Nota original: Jornalista e fotógrafo profissional, tendo trabalhado em S. Paulo e no Espírito Santo. Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de S. Paulo (UMESP), é professor de fotografia e webjornalismo desde 1994, já lecionou na Univ. Federal do Esp. Santo (Ufes) e na FAESA (ES). Atualmente trabalha na Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora, onde coordena os cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda.



analogia às “novas janelas virtuais se abrem anunciando um novo período da imagem” (FELZ, 2005, p. 2).

Longe de discutir os avanços do período em que foram escritos os três textos que compõe esta seção – muitos dos quais já superados, inclusive – a ideia é abordar rapidamente como a imagem fotográfica jornalística digital é produzida pelo que o autor chama de “manipulações consentidas”. Isso, certamente, considerando as possibilidades da própria natureza do processo de produção de imagens que, em sua atual configuração, abarca desde simples ajustes de cor e luminosidade à edições mais densas, como retirada de nomes, marcas, objetos etc. do campo visual da fotografia.

Como vantagens, a velocidade de circulação do que é produzido destaca-se como argumento econômico, uma vez que, “especialmente nos jornais diários, onde a velocidade é item fundamental, com os prazos de fechamento cada vez mais apertados, a possibilidade de obter imagens rapidamente é um fator capaz de fazer a diferença” (FELZ, 2005, p. 4).

A alterações decorrentes da utilização da nova tecnologia digital não afetam apenas as estruturas físicas dos jornais e, em especial, das editoriais de fotografia. Os próprios conceitos e técnicas fotojornalísticas acabam, necessariamente, sofrendo revisões para se adaptarem à nova forma de fotografar (FELZ, 2005, p. 10).

Nessa perspectiva, o mesmo autor<sup>16</sup> explica em *Fotojornalismo na web: atualização de alguns conceitos e usos a partir da análise das imagens fotojornalísticas disponíveis no UOL Notícias* – texto datado de 2008 – que, com o expressivo avanço das tecnologias desde o ano 2000, a fotografia digital vem tem sido confrontada com um novo problema fotojornalístico: “a possibilidade e a facilidade da manipulação produzida em softwares de edição como o *Adobe Photoshop*, que muitas vezes são quase impossíveis de serem detectadas” (FELZ, 2008, p. 2).

Ao longo da história, inúmeros foram os casos de manipulação. Os procedimentos laboratoriais para publicação de imagens sempre foram prática comum no dia-a-dia das redações: redução ou aumento de contraste, reenquadramento e semi-máscaras (sic.). Muitos casos de imagens manipuladas foram descobertos por se tratarem de trucagens grosseiras, porque se conhecia o original ou mesmo o contexto da realização. Entretanto, com o emprego dos computadores e dos softwares de edição digital de imagens, as possibilidades de se mentir no registro visual crescem assustadoramente (FELZ, 2008 p. 2-3).

---

<sup>16</sup> Nota original: Jornalista, Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de S. Paulo (Umesp). Professor desde 1994, leciona atualmente na FES – Juiz de Fora (MG) as disciplinas: fotografia, fotojornalismo e webjornalismo. Possui projeto de pesquisa sobre o uso das imagens fotojornalísticas nos webjornais brasileiros.



O pesquisador e professor José Afonso da Silva Junior<sup>17</sup>, explica em *O fotojornalismo em tempo de convergência digital: entre algumas permanências e outros desvios* – texto datado de 2008 – que o fotojornalismo atual configura-se como um “conjunto de práticas expandido”, no qual o fotógrafo atua como “analista e construtor de sistemas que integra as tecnologias fotográficas com as digitais em um mundo que é totalmente binário no que diz respeito a produção, tratamento e circulação de imagens” (SILVA JUNIOR, 2008, p. 8-9).

Esta imersão do fotojornalismo produzido atualmente, na esteira das acomodações impostas pela convergência digital, contribui para o entendimento de um momento curioso da prática do jornalismo: a de como um modelo de produção de imagens pode potencializar não somente a produção interna dos jornais, mas um instrumento de adoção e co-participação (sic.) por parte do leitor/ usuário (através de seções como foto-repórter) (sic.), sincronizado com lógicas de flexibilização da produção e expansão do vínculo de pertencimento entre veículo e usuário. Afinal, as mudanças na prática de criação e difusão da fotografia na modalidade digital são inúmeras. Se, por um lado, nunca tantas imagens fotográficas foram produzidas como na atualidade, após a popularização das câmeras de fotografia digital em todos os seus formatos e preços (sejam câmeras profissionais e sofisticadas, sejam pequenas, de bolso, câmeras *point-and-shot*, ou ainda as embutidas em telefones celulares), por outro, as imagens serão visualizadas e divulgadas de múltiplas maneiras. Inclui-se aí o campo dos jornais e o interesse pela possibilidade de alcançar determinado fato, ampliado justamente pela extrema popularidade, em sincronia com os aspectos policrônicos e politópicos (capacidade de estabelecer uma interoperabilidade em tempos e espaços distintos, dissociados dos espaços exclusivos para a prática do jornalismo) [...] (SILVA JUNIOR, 2008 p. 8).

Assim, continua ele, as relações entre a fotografia e o jornal precisam ser percebidas como resultado de processos influenciados “por diferentes modelos de práticas, impondo, a seu modo e a seu tempo, usos e características sincronizadas e harmonizadas com o cenário tecnológico e epistemológico de cada época” (SILVA JUNIOR, 2008, p. 11).

Diante de tais argumentos, entendemos que é preciso dar continuidade às reflexões aqui iniciadas sem encarar o fotojornalismo como estático, mas como em constante processo de reconfiguração histórico. Afinal, afirma Silva Junior, a circulação das imagens na sociedade contemporânea via dispositivos técnicos diversos tende a ser

---

<sup>17</sup> Nota original: Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas FACOM-UFBA (2006). Professor Adjunto PPGCOM-UFPE. email: [zeafonsojr@gmail.com](mailto:zeafonsojr@gmail.com)



cada vez mais capilarizada, autônoma, dissociada e descentralizada dos locais clássicos de produção em um ritmo que só tende a se acentuar (SILVA JUNIOR, 2008, p. 11-12).

## CONCLUSÃO

Conforme explicitado anteriormente, por meio do método de abordagem dialético e de procedimento comparativo, buscamos condensar os principais argumentos de cada autor em seus textos em um esforço de enriquecer a nossa compreensão sobre o tema. Nessa perspectiva, o estatuto do real fora contemplado nos argumentos de 100% dos autores aqui listados no que toca à questão das relações entre real e representação, tão intensas no campo fotográfico.

Notamos a crescente preocupação dos estudiosos no que tange aos avanços tecnológicos frente às práticas jornalística e fotojornalística vigentes. Três dos oito textos usados tratam desse viés e, em comum, contemplam as implicações da “digitalização” das relações entre homem e imagem técnica.

Da mesma forma, as possibilidades de manipulação dos fatos relatados visualmente (que, frisamos, não são exclusivas ao uso das atuais tecnologias, mas potencializadas por elas) constitui outra preocupação dos pesquisadores.

Ademais, o próprio agendamento da vida em sociedade, com base no que é veiculado/consumido pelas mídias e pelos atores sociais respectivamente, remete à reconfiguração das relações do ser humano consigo mesmo, com os que o cercam e com o mundo. Afinal, vivemos em uma era visual, na qual o universo tem se tornado visualmente palpável.

Assim, e com base na análise dos artigos científicos que compõe o *corpus* deste estudo, percebemos a necessidade de dar continuidade à busca pelas formas pelas quais o fotojornalismo tem sido pensado no Brasil. Trata-se, portanto, uma demanda que envolve mais do que a revisão de conceitos, mas a problematização das práticas e das discussões vigentes.

## REFERÊNCIAS

DA SILVA, Jorge Augusto Lima. **Jornalismo e realidades múltiplas:** o “arrastão” e as representações mediáticas das identidades. Disponível em:  
< <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/resumod.php?id=209> >. Acesso em: 13 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Texto, imagem e produção de sentido:** o ritual da notícia como interpretação do mundo. Disponível em:  
< [http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/iiisbpjour2005\\_-\\_ci\\_-\\_jorge\\_augusto\\_lima\\_da\\_silva.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/iiisbpjour2005_-_ci_-_jorge_augusto_lima_da_silva.pdf) >. Acesso em: 13 abr. 2015.



FELZ, Jorge Carlos. **As possibilidades da imagem digital**. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/iiisbpjour2005\\_-\\_ci\\_-\\_jorge\\_carlos\\_felz.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/iiisbpjour2005_-_ci_-_jorge_carlos_felz.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2015.

FELZ, Jorge Carlos. **Fotojornalismo na Web**: atualização de alguns conceitos e usos a partir da análise das imagens fotojornalísticas disponíveis no UOL Notícias. Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada13jorgecarlosfelz.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em 19 mar. 2015.

KHOURI, Macelle. **A teoria do jornalismo no cinema**: como aportes teóricos do jornalismo são apresentados no filme O Quarto Poder. Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/individual61macellekhouri.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

KLEIN, Alberto; ROSA, Ana Paula da. **Atentado em imagens**: sincronização e circularidade na mídia. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind\\_alberto\\_klein\\_e\\_ana\\_paula\\_da\\_rosa.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_alberto_klein_e_ana_paula_da_rosa.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2015.

LOUZADA, Silvana. **O fotojornalismo e o poder na ascensão e queda de O Cruzeiro e Manchete**. Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/t051.doc>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MOURA, Ranielle Leal. **José Medeiros e o fotojornalismo na Revista O Cruzeiro**. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ranielle\\_leal\\_moura.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ranielle_leal_moura.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2015.

SALLET, Beatriz. **“Histórias e ‘estórias’ fotográficas”**: um estudo sobre a produção fotojornalística do jornal impresso diário Zero Hora. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind\\_beatriz\\_sallet.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_beatriz_sallet.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2015.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. **O fotojornalismo em tempo de convergência digital**: entre algumas permanências e outros desvios. Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada12joseafonsosilvajr.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. **Complexidades urbanas e fotográficas**: sujeitos e espaços no fotojornalismo de Belo Horizonte. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/iiisbpjour2005\\_-\\_ci\\_-\\_frederico\\_de\\_mello\\_brandao\\_tavares.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/iiisbpjour2005_-_ci_-_frederico_de_mello_brandao_tavares.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2015.